

INFOR-

MAÇÕES

O "INTELLIGENCE SERVICE"

1. Introdução.
2. Sistemas de Informações do "Commonwealth Britânico".
 - a. Informações Externas.
 - b. Informações Internas.
3. O "Secret Service".
 - a. Uma mulher misteriosa.
4. A. Contra-espionagem.
 - a. Espiões em Londres.
 - b. Kent — O traidor diplomata.
 - c. Desembarque de espiões.
 - d. O pobre Job.
 - e. Informações falsas.
 - f. King-Kong — O traidor de Arnheim.

1. INTRODUÇÃO

Ao terminar a Segunda Guerra Mundial, após a tomada de Berlim, os aliados fizeram uma devassa completa em todos os estabelecimentos onde havia funcionado a temível Gestapo e, no Quartel-General, situado em Albrecht Strasse, encontraram, entre outros documentos, um livro com o carimbo de "absolutamente secreto". Tratava-se do "HANDBUCH DES BRITISCHEN GEHEIMDIENSTES" ou seja o Manual do Serviço Secreto Britânico, impresso pelo Serviço de Segurança do Reich, no ano de 1942 e que levava o prefácio de Heinrich Himmler.

Destinava-se, o Manual, aos oficiais superiores do Exército Alemão e aos espiões mais categorizados e logo, em seu capítulo primeiro dizia:

"O Serviço Secreto Britânico tem um passado de mais de trezentos anos. Trabalhou intensamente na construção e na defesa do Império Britânico"...

Mais adiante, ainda no primeiro capítulo, notava-se o período seguinte:

“Os ingleses levaram a arte da espionagem a um grau de perfeição tão elevado que seu Serviço Secreto, há mais de um século, constitui um organismo incomparável e que dificilmente poderá ser superado”...

Realmente, o “Intelligence Service”, para servirmos do nome por que é mundialmente conhecido, é considerado como o serviço de informações mais famoso do mundo e que maior soma de serviços tem prestado ao governo.

Tudo leva a crer que os britânicos se inspiraram nos serviços secretos da República de Veneza, que durante a Idade Média, dominou, com sábia maestria, a espionagem em toda a zona européia.

Foi durante o reinado de Elizabete I que o Serviço Secreto Britânico começou a adquirir vulto. Parece que foi Sir Francis Walsingham o seu organizador nos moldes em que funciona atualmente, havendo, segundo seus próprios relatos, se orientado pelos serviços já utilizados pelos jesuítas e italianos. A partir de então, o governo de Sua Majestade Britânica passou a olhar com todo o interesse para o “Intelligence Service” e dêle tirou o maior proveito que se conhece em toda a história dos serviços secretos.

Aquêles que não estão acostumados a lidar com os agentes dos Serviços de Informações, ao ouvirem falar em “agentes secretos”, imaginam logo tratar-se de indivíduos misteriosos de expressão sinistra ou então de bailarinas-sedutoras, prontas a sacrificar sua honra para conseguir dos militares a informação que elles guardam com maior carinho. Realmente existem “agentes secretos” dêste tipo, mas são raros, pois os mais comuns são indivíduos de aparência normal.

Consultando a história podemos constatar que o simpático General Strong, subchefe do Serviço de Informações do Exército Inglês, foi o “agente secreto” utilizado para negociar, em Lisboa, a rendição italiana em 1943. Aí, em festas da alta sociedade lisboeta, travou conhecimento com os “agentes” do Marechal Badoglio e com elles planejou todos os movimentos que culminaram com a rendição da Itália. Durante a Primeira Guerra Mundial, encontramos o famoso Coronel Lawrence, que trabalhava para o Serviço Secreto Inglês e que foi, ao mesmo tempo, o mais precioso “agente” inglês e o maior agitador do mundo árabe, que a história contemporânea registrou.

Esses exemplos, e muitos outros, constituem a dramática história do “Intelligence Service” britânico. Todavia, se analisássemos alguns fracassos ocorridos com o “Intelligence Service”, durante a última guerra e, mesmo depois de 1945, poderíamos pensar que a eficiência do órgão de espionagem britânica estaria decadente. Basta citar o caso conhecido pelo nome de “Espionagem Atômica”, onde se salientaram Fuchs, Nunn May Pontecorvo, para passarmos a duvidar da fama que até então trazia o serviço inglês. Será que o “Intelligence Service” já não possui a eficiência do passado? Será que os “agentes secretos” ingleses já

não são capazes de proteger, através da contra-espionagem britânica, o povo britânico e as democracias em geral.

Creio que poderemos responder a esta pergunta, analisando alguns casos ocorridos nos últimos vinte anos e onde o "Intelligence Service" fracassou ou viu coroado de êxito os seus trabalhos. Antes, porém, vejamos alguma coisa sobre a organização do "Intelligence Service".

2. SISTEMA DE INFORMAÇÕES DO "COMMONWEALTH" BRITÂNICO

O sistema britânico cuida não só da coleta de informações como também das medidas de contra-informação ou sejam, destinadas a proteger, por meio da segurança, as informações que os demais países desejam colhêr do Reino Unido.

Os órgãos que compõem o "Intelligence Service" são:

a. *Informações Externas:*

- (1) Serviço de Informações do Ministério das Colônias;
- (2) Serviço de Informações do Ministério dos Domínios;
- (3) Serviço de Informações do Ministério de Economia;
- (4) Serviço de Informações do Ministério de Relações Exteriores;
- (5) Ministério de Informações que tem a seu cargo, também, a propaganda, a contrapropaganda e a censura;
- (6) Serviço de Informações do Almirantado;
- (7) Serviço de Informações do Ministério do Ar;
- (8) Serviço de Informações do Ministério da Guerra.

Tôdas as informações colhidas por êstes órgãos vão ter a um organismo central, chamado "Secret Service", que depois de avaliar e cotejar es informes, remete-os, já como informação, ao Comitê dos Ministros de Defesa, que os estudam e levam ao conhecimento do Primeiro Ministro.

O "Secret Service" também presta informações ao Comitê Interdepartamental, que tem a seu cargo a segurança das operações de informações.

b. *Informações Internas:*

No interior da Grã-Bretanha o serviço de contra-espionagem e segurança do Estado está entregue a três órgãos:

- (1) Serviço de Segurança do Ministério de Abastecimentos;
- (2) Seção Especial da "Scotland Yard";
- (3) M 15.

O Serviço de Segurança do Ministério de Abastecimentos está intimamente ligado à segurança das novas investigações, não só no campo da energia atômica, como também no dos engenhos-foguetes e projéteis teledirigidos, do radar e das novas armas.

A Seção Especial da Scotland Yard, cuja fama internacional todos conhecem, tem a seu cargo, particularmente, a segurança dos homens de Estado e das instituições governamentais.

O M 15 é a "Military Intelligence Division 5", onde o serviço de contra-espionagem teve sua origem, durante o desencadear da Primeira Guerra Mundial. Até hoje guarda a sigla M 15 mas está completamente separada de qualquer ministério militar. Faz o serviço de contra-informação para servir a uma pessoa que é por ele responsável e que o representa junto ao Parlamento — O Primeiro Ministro. O pessoal do M 15 é todo civil e a este organismo vêm ter, em última análise, tôdas as informações referentes ao "Commonwealth", cabendo ao M 15, além da contra-informação, o arquivo, o registro e o estudo de tôdas as informações obtidas pelos demais órgãos.

Antes de prosseguir vamos responder a duas perguntas que os leitores já estão, a esta altura, fazendo a si mesmo. Qual será o custo de todos estes serviços de informações? Quantos agentes estão empregados nestes diferentes serviços?

É claro que o número de agentes e o custo do "Intelligence Service" varia conforme a Grã-Bretanha esteja vivendo uma época de guerra ou de paz.

Em 1953, o "Intelligence Service" possuía cêrca de 5.000 agentes espalhados por todo o mundo e outros 5.000 indivíduos trabalhando em informações dentro do território britânico. Naquele ano foram gastos perto de 14 milhões de libras esterlinas, cifra inferior aos gastos dos Estados Unidos que, em 1953, ultrapassou a 25 milhões de libras.

Sendo o gasto tão elevado, particularmente para o povo inglês, dado, como sabemos, a empregar o dinheiro com certa parcimônia, será que tais serviços têm correspondido aos interesses britânicos? Sim, parece que têm correspondido e para demonstrar o que afirmamos vamos historiar alguns casos que se passaram, não só com o "Secret Service" como com o serviço de contra-espionagem.

3. O "SECRET SERVICE"

O "Secret Service" é a peça principal do serviço de informações externas do "Commonwealth" Britânico, pois a êle vão ter tôdas as informações vindas das diversas partes do mundo.

Funcionalmente o "Secret Service" depende do "Foreing Office — Ministério das Relações Exteriores — e é dirigido por um funcionário civil ou militar, cujo nome nem os próprios britânicos conhecem.

O "Secret Service" tem seus agentes espalhados por todo o mundo; sua missão é colhêr informes de tôda natureza, sejam políticos, militares ou econômicos e, ao mesmo tempo, salvaguardar o Reino Unido, da ação dos espões estrangeiros.

Os agentes do "Secret Service" são os mais eficientes de todo o organismo de informações. Eles falam tôdas as línguas do mundo com todos os seus dialetos. Não temos dúvidas de que os 548 idiomas e dialetos falados pelos indus e cada uma das inumeráveis variações do árabe, assim como os 50.000 caracteres japoneses são conhecidos pelos

agentes que trabalham no "Secret Service". Um agente do "Secret Service" sabe, muito bem, que um passo em falso ou um golpe bem sucedido pode ter uma influência formidável na decisão de uma batalha ou mesmo de uma guerra em que esteja em jôgo a sorte da humanidade, e a história está aí para provar o que afirmamos. Vejamos um caso concreto:

a. *A Mulher Misteriosa:*

Todos estranharam o fato das V-1 e V-2 alemãs só terem começado a cair em território inglês, a partir de 1944, ou seja, demasiado tarde para exercer grande influência sôbre o resultado da guerra. Ora, sabemos, também, que o retardo foi provocado pelas incursões realizadas pela RAF sôbre o território alemão, quando os bombardeiros pesados lançaram, em agôsto de 1943, grande quantidade de bombas sôbre a base alemã de Peenemunde.

Tal incursão desferiu um golpe de morte nos estabelecimentos onde os alemães preparavam os famosos projéteis foguetes. Por aquela ocasião, pelo menos 200 cientistas, dedicados ao trabalho e ao fabrico das V-1 e das V-2, desapareceram, juntamente com o Diretor dos estabelecimentos de Peenemunde e o Chefe do Estado-Maior da Luftwaffe, General Jachonnek.

O bombardeio mais forte foi efetuado justamente na tarde em que todos êstes personagens haviam se reunido em Peenemunde, para importante conferência. Informes enviados pelos agentes do "Secret Service" serviram para alertar a RAF, que recebeu do mesmo, não só os planos detalhados da base de Peenemunde, como o dia e a hora mais interessante para desencadear o ataque.

Somente depois da guerra terminada é que se soube que as informações foram dadas por operários polacos que trabalhavam na base. Sim, alguns informes foram prestados por tais operários, mas nenhum dêles sabia a data e a hora da reunião. Como então, obteve o "Secret Service" informe tão preciso? Ainda hoje um manto de mistério cobre êste particular. Só sabemos é que, quando os agentes da Gestapo, depois do bombardeio, penetraram em Peenemunde e passaram a revistar cada milímetro quadrado do interior das instalações, para resolver o enigma, encontraram, no bôlso do capote de uma jovem, morta por ocasião do bombardeio, uma passagem de ônibus de Londres. A Gestapo iniciou imediatamente uma investigação sôbre o passado da jovem que trabalhava em Peenemunde e concluiu que ela era elemento de confiança, pois havia sido proposta para a função que exercia por um alto personagem do govêrno. A Gestapo concluiu que a passagem de ônibus fôra esquecida pela jovem no bôlso do capote, depois de uma visita que a mesma devia ter feito a Londres, antes da guerra. Todavia, não repararam os nazistas, que a passagem era do tipo "econômico", posta em uso após o início das hostilidades. O nome da espia nunca foi divulgado pelo "Secret Service", que também jamais confessou tratar-se de um de seus agentes.

4. A CONTRA-ESPIONAGEM

Um dos principais órgãos da contra-espionagem britânica é, como vimos, o M 15, que tem prestado à Coroa inúmeros serviços embora em algumas vezes tenha falhado. Em 1914, durante as primeiras 24 horas do início das hostilidades, o M 15 prendeu quase todos os espões alemães que se encontravam na Inglaterra. Embora tal acontecimento seja muito conhecido achamos interessante repeti-lo, aqui, com alguns detalhes.

a. *Espiões em Londres:*

Por ocasião dos funerais de Eduardo VII, em 1910, reuniram-se em Londres diversos monarcas estrangeiros, entre os quais o Imperador Guilherme II da Alemanha, sobrinho do falecido.

Acompanhando o imperador alemão, chegara, também, o Barão de Rostock, oficial de marinha, cuja ficha figurava no "Secret Service" britânico, como envolvido em atividades de espionagem na América do Sul.

Logo após sua chegada a Londres Rostock começou a ser acompanhado por detetives britânicos. Imediatamente após os funerais o barão voltou ao hotel, trocou seu uniforme por trajes civis, chamou um taxi seguindo para a estrada da Caledônia onde saltou e entrou em uma barbearia que ostentava na porta o letreiro "K.G. Ernst — Barbeiro e Cabeleireiro". Os agentes que seguiam o barão, em outro carro, acharam muito estranho que um oficial de marinha alemão deixasse o centro da cidade para ir cortar o cabelo ou fazer a barba em um cabeleireiro da estrada Caledônia, mas resolveram proceder com cautela. Começaram, a partir daquele mesmo dia, a controlar toda a correspondência que chegava à barbearia e todas as cartas que Ernst enviava para o exterior ou para outras cidades inglesas. As informações colhidas pelos agentes britânicos levaram o M 15 a levantar a rede germânica na Inglaterra e o serviço foi feito com tal perfeição que ao ser declarada a guerra, em 1914, em 24 horas todo o serviço de espionagem alemão foi destruído em território inglês.

O afortunado golpe de 1914 foi repetido em 1939. Desta vez, em 48 horas, foram presos os 35 agentes mais importantes que a Alemanha tinha na Inglaterra e outros 500 filonazistas que estavam prontos a cooperar com o serviço secreto alemão, foram também descobertos e presos. Esta ação foi executada não só pelo pessoal da M-15 como, também, pelos agentes da Seção Especial da Scotland Yard.

b. *Kent — O diplomata traidor:*

TILER KENT, jovem desportista, muito inteligente, falando diversos idiomas, teve seu ingresso facilitado no Serviço Diplomático britânico, graças a seu pai, antigo diplomata de carreira.

Em 1939, contando apenas 23 anos de idade foi nomeado para o Departamento de Cifras, onde somente funcionários de alta confiança podem manejar os "códigos" e os documentos cifrados.

Como sabemos, todos os governos se comunicam com suas embaixadas e com seus agentes secretos através de palavras de código, as quais estão contidas em livros com aspecto de dicionários onde frases inteiras ou simples palavras podem ser substituídas por números ou letras. Para decifrar uma mensagem deste gênero é preciso possuir o "código" original, pois, do contrário, é quase impossível compreender o texto. Muitas vezes, ainda, além de usar-se o "código", faz-se uma segunda transposição por meio de um cifrado próprio, alternando a posição das letras que compõem a mensagem original, dificultando, mais ainda, o trabalho da decifração. É evidente que todos os governos devam guardar o maior sigilo a respeito de seus "códigos" e de suas "chaves", empregando nestes serviços funcionários de toda confiança.

A posição que o jovem KENT ocupava na Embaixada Norte-Americana em Londres era, pois, de grande importância e a confiança que nele depositavam seus superiores era tal que, desde o início, foi destacado para trabalhar em assuntos criptográficos e por suas mãos passava toda a documentação que saía da embaixada para o governo em Washington e todos os documentos que vinham dos Estados Unidos para Londres.

Entretanto, em 1939, KENT ainda era um funcionário honesto. Conhecido nas rodas de seus amigos como anti-semite ferrenho, foi aos poucos deixando-se levar pela propaganda nazista para tornar-se, em pouco tempo, um dos maiores admiradores de Hitler. Os agentes germânicos estavam, por esta época, procurando em Londres elementos que pudessem ser aliciados para a causa nazista e tiveram, desde logo, suas atenções voltadas para o jovem KENT, que hábilmente manejado, podia se tornar de grande utilidade.

Certa tarde, por mera "casualidade", o jovem KENT foi apresentado a Ana Volkova, baronesa russa e filha de um almirante do Czar. A baronesa tinha, então, 37 anos, não era muito bonita, mas era possuidora de um encanto todo especial, aliado a um modo todo especial de tratar os homens que queria cativar. KENT, em sua inexperiência, não tardou em ficar enamorado pela baronesa e em transformar-se em simples brinquete em suas hábeis mãos.

Ana Volková, naturalizada inglesa, era proprietária de elegante casa de modas e há vários anos trabalhava para o serviço secreto alemão dirigido pelo almirante Canaris. Para corromper KENT não foi necessário dar-lhe dinheiro. Bastava o amor que dedicava a Valkova e a ideologia nazista que desde alguns anos professava.

O Trabalho executado por KENT e Ana era muito simples. Todas as tardes, quando o rapaz deixava a embaixada norte-americana no clássico palácio de Grosvenor Square, levava em sua pasta os documentos secretos que ele mesmo havia traduzido durante o dia. Era trabalho distribuído a ele e assim ninguém podia desconfiar. Em casa de Volkova os documentos eram fotografados e filmados e os negativos eram remetidos ao Alto Comando Alemão, via Itália. Inicialmente o próprio Kent remetia os documentos pela mala diplomática para a Itália, onde

um outro cúmplice os retirava e fazia chegar às mãos dos agentes alemães; mas logo depois, Volkova, calculando o perigo de tal remessa, entrou em ligação com um elemento da embaixada italiana em Londres e os negativos passaram a ser remetidos por intermédio deste amigo. Durante todo o tempo em que a Itália permaneceu fora da guerra, foi este o caminho seguido pelos informes colhidos por Kent.

Desde o início das hostilidades até 18 de maio de 1940, data em que foi prêso, Kent forneceu ao comando alemão nada menos de 1.500 documentos importantes, entre os quais, alguns que continham informações interessantes sobre as forças terrestres britânicas existentes na ilha e o dispositivo de tais forças com o efetivo aproximado. Era como se o Alto Comando Alemão tivesse um representante exclusivo nas reuniões ultra-secretas do Estado-Maior das Forças Britânicas.

As informações dadas por KENT eram tão interessantes que, durante o processo de Nurenberg, os generais Keitel e Jold, assim como o almirante Raeder, afirmaram que sem tal colaboração o Comando Alemão não teria logrado realizar a pausa de 1939-1940, que lhe permitiu preparar a ofensiva relâmpago da primavera que subjugou completamente a França.

Até maio de 1940 a contra-espionagem britânica nada havia suspeitado de KENT e Volkova. Esta era conhecida como admiradora da Alemanha, mas não existia contra ela nenhuma suspeita concreta. Foi, sem dúvida, uma séria lacuna nos serviços do M 15 que muito prejudicou a Grã-Bretanha. Não resta dúvida que KENT era funcionário de uma embaixada de país amigo e que portanto o FBI americano tinha tanta culpa como o serviço britânico de contra-espionagem. KENT e a baronesa foram descobertos porque, em determinado momento, confiados em que seu trabalho não era percebido por ninguém, cansaram-se de fotografar os documentos e resolveram encarregar a um fotógrafo particular de, diàriamente, fotografar toda a documentação. Para que o fotógrafo não suspeitasse de nada resolveram dizer que era um trabalho muito secreto feito para a embaixada americana.

Em princípios de 1940, a Scotland Yard voltou sua atenção para o casal que todas as tardes saía junto e ia terminar suas horas de lazer, não em um hotel, como seria o mais comum, mas sim em um fotógrafo perto da Fleet Street. Não foi difícil para o agente encarregado do casal deduzir que o "caso amoroso" de que estava encarregado apresentava um aspecto um pouco estranho. Um detetive foi, imediatamente, enviado a entrevistar o fotógrafo e este inocentemente, mostrou toda a documentação que possuía em seu estúdio. Naquela mesma tarde foi convocada uma audiência no Gabinete do Primeiro-Ministro. WINSTON CRURCHILL, que poucos dias antes havia assumido o cargo de Primeiro-Ministro, resolveu chamar, imediatamente o embaixador norte-americano Kenedy (pai do atual Presidente dos EUA). Face as provas apresentadas todos se convenceram, desde logo, da triste verdade. Diversos agentes foram mandados a revistar o apartamento de KENT onde foram encontradas fotografias de diversos documentos secretos.

A culpabilidade de KENT estava devidamente provada. Kenedy pediu, por telefone, a Washington, a destituição de KENT, que ficou, assim, privado das imunidades diplomáticas e foi prêso juntamente com a baronesa Volkova. A justiça britânica foi muito indulgente com os dois espões. Em novembro de 1940, após vários dias de processo, KENT foi condenado a sete anos de prisão e Volkova a dez.

A contra-espionagem britânica fazia desaparecer, assim, o êrro mais grave que havia cometido desde o início da guerra e sua ação se fez sentir no momento preciso, pois se KENT e Volkova continuassem soltos e agindo com tôda a liberdade como até então, é certo que o maior "bluff" da guerra não poderia ter sido passado. Relembremos os fatos:

Estamos lembrados que precisamente naquela época Hitler estava preparando a invasão das ilhas britânicas, mas os planos estavam aguardando informes mais preciosos, pois o Alto Comando Alemão tinha notícia de que a Inglaterra estava fortemente defendida, que cada metro quadrado da costa estava minado e que milhões de soldados bem armados e vindos de diversas partes do mundo estavam prontos a tudo sacrificar em defesa da ilha.

O "bluff", pois, não era outra coisa, já que tais notícias eram mandadas distribuir pelo próprio serviço de contra-espionagem britânico, surtiu o esperado efeito e Hitler adiou o desembarque na Grã-Bretanha.

Ora, se TYLER KENT tivesse ficado em liberdade por mais algumas semanas, o "bluff" de CHURCHILL teria sido descoberto, pois Hitler dêle se inteiraria através dos telegramas trocados entre CHURCHILL e ROOSEVELT, os quais revelavam os fatos como na realidade estavam acontecendo, isto é, a ilha impotente e indefesa ante uma ação de força por parte da Alemanha.

Desta vez, como de muitas outras, a sorte protegeu os aliados. A prisão de Kent foi feita no momento oportuno e a guerra tomou rumo favorável aos aliados porque, um simples agente encarregado de acompanhar a baronesa Volkova, por algumas horas ao dia, ficou intrigado de, diàriamente, a rica dama encontrar-se com um rapaz muito mais jovem que ela e se dirigirem os dois para um estúdio fotográfico e não para um lugar mais condizente com o "caso amoroso".

c. Desembarque de espões:

Depois de iniciada a guerra e tendo seu sistema de espionagem caído nas mãos dos britânicos, trataram os alemães de enviar agentes para a Inglaterra recorrendo, para isso, a diversos artifícios:

- desembarque em um ponto qualquer da costa;
- lançamentos de pára-quedistas;
- infiltração em grupos de refugiados.

O serviço britânico de contra-espionagem estava muito atento para deixar o espião alemão em paz dentro de território britânico e o povo inglês cooperou intensamente neste particular.

Os agentes alemães chegavam à Grã-Bretanha levando quase sempre como equipamento:

- uma pistola automática;
- uma maleta com um traje de muda e alguns sanduíches. para evitar a entrada em restaurantes no primeiro dia;
- documentos de identidade hábilmente falsificados;
- e quase sempre um aparelho especial radiotransmissor de pequenas dimensões, como se fôsse u'a máquina fotográfica.

Os agentes e o povo inglês já sabiam dessas características e não era difícil descobrir os espíões germânicos, embora os mesmos falassem corretamente o inglês.

Os diversos erros cometidos pelo "Abwehr" — serviço secreto da Weermacht — facilitavam, também, a descoberta de tais espíões. Assim, por exemplo, entre os sanduíches que levavam os alemães, havia sempre um feito com salsichão tipicamente alemão que não podia ser encontrado na Inglaterra. Um dos primeiros agentes alemães capturado foi Werner Heinrich Waelti, de 27 anos, que havia desembarcado na costa escocesa, na primavera de 1941, juntamente com mais dois companheiros, um, Karl Theo Druke, que foi logo a seguir descoberto e outro, uma jovem alemã, que o serviço de contra-espionagem inglês jamais conseguiu descobrir e que Waelti e Druke chamavam de "Fraulein X".

Os três espíões tinham sido desembarcados durante a noite e logo tomaram destino para diversas estações ferroviárias da Escócia.

Waelti, ao chegar à estação de destino, enquanto esperava o trem que devia levá-lo a Londres, pensou que o momento era propício para comer um dos sanduíches que levava na maleta. Enquanto comia o salsichão não reparou que o funcionário que limpava a sala-de-espera olhava para o salsichão com verdadeira surpresa. O funcionário comunicou imediatamente o ocorrido à polícia local e Waelti foi preso antes de tomar o trem.

Pouco depois eram prêsos, também, "Fraulein X" e Druke, que haviam chegado juntos a uma outra estação. "Fraulein X" dirigiu-se à bilheteria e pediu uma passagem para Londres. Falava perfeitamente o inglês e não encontrou nenhuma dificuldade na compra. Druke aproximou-se do guichê e o vendedor perguntou de supetão se êle, também, desejava passagem para Londres. Malgrado todo o treinamento feito durante o treinamento na Alemanha e embora tivesse recebido meses e meses de instrução, aquela primeira pergunta lançada sôbre Druke teve como resposta em lugar do tradicional "yes" um gutural "ya". O vendedor pareceu permanecer impassível e Druke tomou o trem para Londres em companhia de "Fraulein X", mas quando o mesmo parou em Edimburgo, estação seguinte, a polícia prendeu os dois espíões. Desde aquela data nada mais se soube a respeito de "Fraulein X", mas Druke e Waelti foram enforcados em agosto de 1941. Eis como um salsichão e um monossílabo errado podem desfazer um plano arquitetado sob a mais rigorosa técnica.

Também os agentes de espionagem alemães que foram lançados de pára-quadras não conseguiram melhor sorte que os desembarcados no litoral, pois o povo inglês estava sempre atento. Karl Richter lançou-se de pára-quadras na noite de 13 de maio de 1941, caindo a algumas milhas de Londres. Tomou logo a estrada principal, mas teve a má sorte de ser abordado por um motorista de caminhão, que lhe perguntou a que distância ficava determinada aldeia. Richter não soube responder e o motorista comunicou a ocorrência no primeiro posto policial que encontrou. O espião alemão foi enforcado a 10 de dezembro do mesmo ano em que pisou o território britânico. Joseph Jakobs lançou-se em pára-quadras em junho de 1941, mas ao cair teve a infelicidade de torcer o pé. Ficou onde estava até que foi encontrado pela polícia. Foi um dos poucos espiões da Alemanha que não foi enforcado. Dada sua situação de oficial pára-quadista, foi fuzilado dois meses depois de haver chegado à Inglaterra.

Procurando vencer as dificuldades encontradas, os alemães começaram a tentar a penetração em território britânico através dos refugiados de guerra que, por aquela época, chegavam de todos os cantos da Europa. Chegavam por mar, através do Canal da Mancha ou através da França e Espanha, apresentando-se no consulado de Madrid, que os enviava a Londres. Naturalmente que o espião tinha sempre um história bem estudada para contar. Dizia que era um oficial francês, um marinheiro ou pescador que estava cansado dos alemães ou um partidário belga ou holandês que desejava vir combater ao lado dos aliados. O "Awehr" providenciava para os agentes uma série de documentos falsos que condiziam com a história a ser contada e ainda recortes de jornais que falavam a respeito do espião, como indivíduo perigoso e procurado pela polícia. Os ingleses lançavam mão de todos os ardis possíveis e imaginários para se livrarem daqueles elementos indesejáveis. Diversas passagens interessantes podíamos registrar; mas, para mostrar a paciência do agente inglês basta citar o fato ocorrido durante o interrogatório final feito a um espião alemão que declarava haver chegado de Madrid, onde passara diversos meses hospedado em determinado hotel. O interrogador inglês perguntou ao espião qual era, em via de regra, seu programa após as 18,00 horas e o interrogado respondeu que, por volta das 18,30, saía de seu hotel e andava cerca de uns 10 minutos até chegar ao Restaurante Galo de Ouro, onde jantava quase todos os dias. Depois dirigia-se a um cinema, para pegar a sessão das 20,00 horas ou, então, ia dar um passeio em determinada praça. O inglês, que havia vivido durante muitos anos em Madrid, sabia que os restaurantes do centro da cidade nunca serviam jantar antes das 21,00 horas, já que o povo espanhol janta, comumente, lá pelas 22,00 horas. Levantada a suspeita, não foi difícil conseguir, dias mais tarde, a confissão do espião, que foi enforcado juntamente com outros companheiros que com ele iam constituir uma rede.

d. *O pobre Job:*

O método adotado pelo M 15 tornava quase impossível que um espião alemão ou pago pelos alemães circulasse facilmente na Inglaterra.

Um dos poucos indivíduos que conseguiu livrar-se do exame do M 15 foi o inglês Oswald John Job.

Job vivia desde há muitos anos na França, quando caiu prisioneiro dos alemães, sendo então mandado para o campo de concentração de Denis. Aí, bem trabalhado por agentes germânicos, convenceu-se em tornar-se espião alemão. Foi preparada sua fuga do campo de concentração e sua viagem para a Espanha depois de inúmeras aventuras e percalços. Quando conseguiu chegar a Londres sua fisionomia estampava os sofrimentos passados nas prisões da Alemanha e seu estado geral apresentava grande depressão. Todos os testes feitos pelo M 15 mostravam que o velho Job nada mais era que uma das muitas vítimas dos alemães. Deixaram-no ir em paz.

Job alugou uma casa modesta em Bayswater, nas proximidades de Londres e vivia aí quase completamente isolado. Tinha só um costume que chamou a atenção dos agentes do M 15. Enviava, constantemente, numerosas mensagens para o campo de concentração de Denis, por intermédio da Cruz Vermelha. Tratavam-se, todavia, de mensagens inocentes que davam notícias da vida de Job aos antigos companheiros de sofrimento. O M 15 não tomou mais interesse por Job, mas a Seção Especial da Scotland Yard passou a vigiá-lo e a censura especializada descobriu que Job utilizava uma tinta especial para enviar informações de caráter secreto para os alemães, intercalando as informações na carta enviada a seus amigos. Os agentes revistaram a casa de Job, mas nada encontraram que pudesse servir de prova contra o espião e a justiça britânica exigia, mesmo em tempo de guerra, provas para condenar os espiões. Foi por um feliz acaso que um agente encontrou dentro de um armário um monte de chaves amarradas uma às outras. Estranhou que Job, que não possuía em sua casa malas ou armários para utilizar tantas chaves, conservasse aquêle monte de chaves de aspecto novo e de pouco uso. Mandou examinar o material e ficou constatado que no interior das chaves é que Job guardava a tinta que utilizava para se corresponder com alemães. Mais um espião subiu para a força, êste, todavia, ante a repulsa completa do povo inglês, já que se tratava de um indivíduo de nacionalidade britânica.

e. *Informações falsas:*

Na época em que os aliados iniciaram os preparativos para a invasão da Normândia, o solo inglês estava completamente livre de espiões graças ao serviço perfeito realizado pela contra-espionagem britânica. Não só os alemães, como todo o mundo, estavam ansiosos por saber o dia "D" do desembarque e o local em que o mesmo seria efetuado. Desejavam os germânicos saber sobre novas armas a serem empregadas pelos aliados e, todavia, não tinham meios de lançar seus agentes em território inglês. Resolveram, então, encher a Irlanda de espiões e disso estava ciente a contra-espionagem britânica, tanto assim que preparou para os alemães um dos golpes mais interessantes da última guerra.

Em lugar de interromper as comunicações com a Irlanda, trataram os ingleses de aumentar a onda de informações para aquêle país, in-

formações que chegavam ao território irlandês como se estivessem escapado à censura britânica. Cartas, livros, folhetos e jornais contendo notícias detalhadas a respeito de novas armas e planos de operações, foram levados para a Irlanda e os espíões alemães que lá estavam, no fim de certo tempo, já não podiam distinguir o que existia entre informes falsos e verdadeiros e resolveram, então, enviar tudo o que recebiam para Berlim e de tal maneira superlotaram a Central de Informações da Alemanha que até esta ficou impossibilitada de distinguir o que havia de falso naquele mundo de informes que recebia.

As informações falsas sempre foram usadas com grande êxito, particularmente durante a última guerra, quando durante cêrca de dezoito meses o M 15 enganou o serviço secreto alemão e por vinte e um meses o "Abwehr" alemão da Holanda ludibriou a "Special Operations Executive".

Estamos lembrados de como, poucas horas após a declaração das hostilidades, os ingleses aprisionaram todos os agentes alemães que se encontravam na Inglaterra. Pois bem, em lugar de interromperem as comunicações de tais agentes com os alemães, o comissário Canning da Scotland Yard foi encarregado de reconstituir todo o serviço, substituindo, é claro, os alemães por ingleses conhecedores do assunto. A cadeia continuou a-ser mantida para a Alemanha e a substituição foi tão perfeita que durante dezoito meses os alemães receberam informações falsas enviadas pelos próprios ingleses. De certa feita, a pedido de agentes ingleses que haviam substituído os alemães aprisionados, foi enviado um submarino alemão para a costa de Gales, onde deveria receber um espião alemão portador de informes importantíssimos. O submarino jamais regressou à Alemanha e o serviço secreto alemão, durante muito tempo, ficou pensando que o mesmo havia sido pôsto ao fundo já tendo a bordo o agente, pois êste, também, havia desaparecido, não se comunicando mais com os germânicos. Sômente após o término da guerra é que vieram a saber que, em lugar do agente alemão, o submarino havia encontrado na costa de Gales, bem no ponto combinado, uma dezena de contratorpedeiros ingleses que o afundaram em poucos minutos.

As falsas informações, por outro lado, fizeram com que nada menos de 54 agentes britânicos caíssem nas mãos dos alemães entre março de 1942 e dezembro de 1943. O descrédito que tal façanha do serviço de contra-espionagem alemão fêz cair sôbre o Serviço Secreto Britânico, foi de tal monta, que em fins de 1943 ninguém mais acreditava nos dados fornecidos pelo "Intelligence Service", que só conseguiu fazer-se acreditar depois de destruir a rêde adversária e de lá tirar, ainda com vida, o agente Lauwers que explicou como os alemães estavam interferindo nas comunicações inglesas.

f. *King-Kong — O traidor de Arnhem:*

Quando em 1944 os exércitos do General Eisenhower desembarcaram na Normândia, o "Intelligence Service" já havia conseguido reconstituir sua rêde de agentes na Holanda e ia, gradativamente, se firmando na Bélgica e na França.

Foi durante este período da guerra que surgiu um dos casos mais interessantes de espionagem, caso este conhecido como — O traidor de Arnheim.

Neste caso devemos considerar a existência de três personagens mais importantes:

— Cristian Lindemans, o traidor de Arnheim, mais conhecido no meio de seus companheiros pela alcunha de King-Kong, já que era dotado de uma força hercúlea e possuidor de invejável coragem. Era considerado como um dos chefes mais importantes dos *partisans* holandeses, mas não passava de de um inteligente espião alemão.

— Giskes era o segundo personagem. Era o agente de contra-espionagem alemão mais hábil que até então se tinha tido notícia.

— Tenente-Coronel Pinto era o terceiro personagem. Holandês de grande habilidade, ofereceu seus serviços à contra-espionagem britânica e a quem os aliados devem a captura de inúmeros agentes alemães.

Estamos lembrados que em setembro de 1944 grandes quantidades de pára-quedistas ingleses e americanos foram lançados além das linhas alemãs, em Arnheim. Tais tropas tinham por missão unirem-se às forças comandadas pelo Marechal Montgomery, que por aquela época atacava as posições alemãs no rio Maas e na zona do baixo Reno.

Embora o plano de operação fôsse mantido em maior segredo, quando os pára-quedistas chegaram ao solo viram-se rodeados por tropas germânicas, sendo quase totalmente dizimados. Se tal ação tivesse êxito, o avanço das tropas de Montgomery para a Alemanha setentrional seria tão fulminante que a guerra na Europa teria terminado, na pior das hipóteses, em dezembro de 1944.

Quem teria atraído os aliados?

Hoje, graças aos depoimentos de Giskes e do Tenente-Coronel Pinto, está provado que o traidor, aquele que levou aos alemães todos os elementos relativos à operação, foi King-Kong.

Christian Lindemans, antes de tornar-se traidor, era um valente soldado da infantaria holandesa. Todavia, de certa feita, soube que sua noiva e seu irmão haviam sido aprisionados pelos alemães e procurou entrar em entendimentos com o adversário para libertar os entes amados. Giskes, chefe da contra-espionagem alemã, resolveu, então, tomar King-Kong a seu serviço. Não foi difícil catequizar o colossal Lindemans que recebeu, como recompensa, não só a noiva e o irmão, como, ainda, considerável soma em dinheiro. Desde então passou a trabalhar contra seus próprios patrícios, trabalho que não cessou mesmo depois do desembarque dos aliados na Normândia.

As missões mais difíceis e as empresas mais arriscadas eram entregues a King-Kong, que sempre saía incólume de suas ações, embora a maior parte dos homens que o acompanhavam não regressasse. Durante todas as investidas que realizou, chefiando grupos de *partisans* holandeses ou aliados, atrás das linhas alemãs, sempre se saiu a contento, embora deixando a maioria de seus acompanhantes nas mãos dos nazistas.